

TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL EM CÃO: Relato de Caso

Gleisiely Bruna Oliveira Moraes¹; Valdinei Marques de Souza¹; Mariana Aparecida de Alencar Jeronymo Simão Pereira²; Maria Francisca Neves^{3,5}; Ane Pamela Capucci Torres^{4,5*}

¹ Graduando em Medicina Veterinária, Faculdades Integradas de Três Lagoas- FITL/AEMS; ² Médica Veterinária – UENP/CLM; Mestre em Ciência Animal – UNESP; Doutoranda em Ciência Animal – UNESP; ³ Doutora em Patologia Animal – UNESP; ⁴ Doutora em Medicina Veterinária Preventiva – UNESP; ⁵ Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autor correspondente: ane.capucci@yahoo.com.br

RESUMO

O tumor venéreo transmissível (TVT), também denominado sarcoma de Sticker, é uma neoplasia, que acomete cães em condições naturais, sem opção sexual, idade ou raça. Sua transmissão se dá principalmente pelo coito em animais sexualmente ativos, porém, pode ocorrer a transmissão por contato direto como morder, farejar ou lambem animais infectados. Afeta primariamente a mucosa genital, porém são relatados sítios extragenitais. O diagnóstico do tumor pode fundamentar-se na avaliação citológica ou histológica. Com relação ao tratamento, o TVT pode ser curado com quimioterápicos, mediante utilização do sulfato de vincristina e associados, cirurgia ou a radioterapia. A regressão espontânea pode ocorrer em animais imunocompetentes, embora seja um fato raro e de poucos relatos. O índice do TVT no Brasil é elevado, por conta do clima que favorece e devido a prevalência de animais errantes. O tumor é caracterizado pela sua fácil transplantação e rápido crescimento, sendo assim disseminado entre os animais. Por ser muito comum na população canina, e estar diretamente relacionada a vida sexual desses animais, a castração torna se um ótimo aliado para diminuir os riscos de contaminação, porém o principal cuidado seria não deixar os cães soltos na rua.

PALAVRAS-CHAVE: sarcoma Sticker; tumor venéreo transmissível; TVT.

1 INTRODUÇÃO

O tumor venéreo transmissível (TVT) é uma doença que acomete cães em qualquer idade reprodutiva, podendo a cometer tanto em machos, como em fêmeas. Normalmente, na população em geral, o TVT é mais visível em fêmeas do que em macho, devido ao aumento da região vulva e a persistente do sangramento na região.

O TVT pode evoluir e apresentar contaminações secundárias, por estar debilitado o animal tem mais facilidade para adquirir outras doenças que podem significar alerta para a saúde pública, mesmo o tumor não sendo uma zoonose. O melhor controle de prevenção populacional dos cães de rua, seria através de castrações e da posse responsável se torna fundamental para diminuir a concentração de animais na rua, o que pode

evitar vários problemas como o TVT (BOSCOS; VERVEDIS, 2004).

Neoplasia de células redondas indiferenciadas, que acomete primariamente o aparelho urogenital dos cães de diferentes sexos (BABO; BERNARDO, 1999; CHU et al., 2001; DAS; DAS, 2000), a forma de transmissão mais frequente se dá por animais sexualmente ativos através do coito, porém, há relatos não muito comuns do TVT em outras áreas extragenitais, como ânus, globo ocular, tecido subcutâneo e pele (BRANDÃO et al., 2002), as células do tumor podem ser transplantadas mecanicamente para essas regiões, através de comportamentos comuns de lambeduras, mordeduras e arranhões ou qualquer outro meio de contato direto com o animal portador, que produza escoriações ou soluções de continuidade na pele ou mucosas (O'KEEFE,

1997; MARTINEZ et al., 2002).

É de distribuição cosmopolita, porém é mais comum em regiões de climas tropicais e subtropicais, no Brasil há uma grande incidência dessa doença, o clima e a grande população de animais errantes favorecem a proliferação, apesar da frequência do TVT ser altamente elevada no Brasil, ainda há poucos estudos mostrando a estatística da sua incidência (GASPAR, 2005; SANTOS et al., 2005; COSTA, 1999).

Fêmeas são mais acometidas do que os machos, visto que, aceitam maior número de parceiros durante o cio. Há também o fator hormonal, os estrogênios elevam ao aumento de volume da vulva assim garante maior suprimento sanguíneo, favorecendo a implantação das células tumorais durante o estro (SOBRAL et al., 1998).

1.1 Tumor venéreo transmissível (TVT)

O TVT é uma doença cosmopolita, tem distribuição predominante nos países de clima tropical e subtropicais. Em vários estados brasileiros a frequência do TVT é altamente elevada devido à grande população de animais errantes e não submetidos a qualquer tipo controle de atividade sexual. Essa doença é caracterizada por ser altamente contagiosa, e sexualmente transmissível, cães sexualmente ativos estão mais propícios a contrair o TVT, embora cães sexualmente imaturos possam ser acometidos pelo contato com a mãe portadora ou com outros cães portadores, por meios de lambeduras, mordeduras ou arranhões (DALECK et al., 2011).

O TVT é uma neoplasia de potencial metastático não cutâneo baixo, cerca de 1% de casos, porém crescimento metastático já foi descrito em linfonodos inguinais, conchas nasais, boca, fígado, pleura e cérebro. Morfologicamente, o TVT apresenta geralmente a forma de couve-flor, pedunculado, nodular, papilar ou multilobular, seu tamanho é variável, as tumorações são friáveis avermelhadas

e apresentam secreção serosanguinolenta (SILVA et al., 2007). Os sinais clínicos mais frequentes do TVT são: descarga sanguinolenta ou hemorrágica vaginal ou prepucial intermitente ou persistente, prurido, mudança de comportamento como agressão ou apatia, lambadura excessiva na área genital, odor forte, ou aparecimento de massas neoplásicas visíveis.

Várias são as modalidades de tratamento para o TVT, entretanto entre as condutas terapêuticas mais indicadas, destaca-se o tratamento quimioterápico. O TVT responde a vários agentes quimioterápicos, como doxorrubicina, ciclofosfamida e metotrexato. Entretanto, sulfato de vincristina administrado como único agente terapêutico, vem obtendo resultados satisfatórios já nas primeiras aplicações. O sulfato de vincristina é de administração intravenosa e prescrito de 2 à 6 semanas, sendo o tempo necessário para completa remissão da doença em cães infectados por menos de 1 ano (BOS-COS; VERVEREDIS, 2004).

2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é descrever o TVT, desde a transmissão, diagnóstico, tratamento e controle da doença que acometem cães de rua.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A revisão da literatura baseou-se em artigos científicos e revistas eletrônicas indexadas em plataformas especializadas como Google Acadêmico, Scielo e Lilacs.

O relato de caso foi descrito na Clínica Veterinária AEMS. O paciente relatado era um cão SRD, macho, jovem adulto, peso 9,900kg, não castrado.

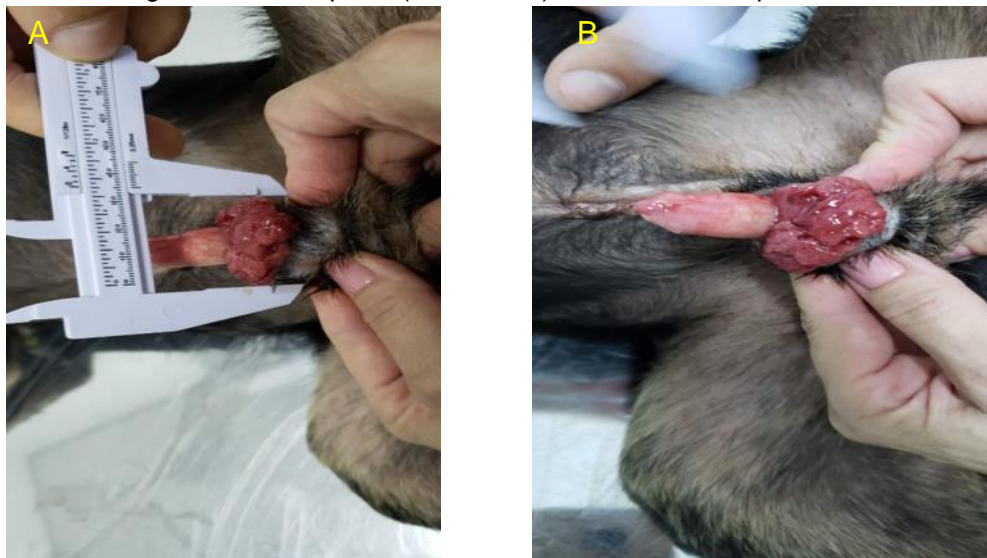
4 RELATO DE CASO

No dia 13 de fevereiro de 2020, foi atendido na Clínica Veterinária AEMS no

município de Três Lagoas-MS, um cão SRD, macho, jovem adulto, peso 9,900kg, não castrado. O paciente foi trazido à clínica pelo tutor com queixa de presença de secreção serossanguinolenta no pênis. Ao fazer exposição do pênis observou-se um aumento de aproximadamente 2,6x3,2 cm de diâmetro na região interna do pênis (Figura 1A),

apresentando-se como uma massa em aspecto de couve-flor, sanguinolenta e friável (Figura 1B), foi receitado sulfato de vincristina para o tutor comprar em uma clínica veterinária. Como exames complementares realizou-se o hemograma, impressão sobre lâmina de microscopia (“imprint”).

Figura 1. Exposição da região interna do pênis com TVT (13/02/2020). A. Diâmetro da região interna do pênis (2,6x3,2 cm). B. Massa em aspecto de couve-flor.



Fonte: Elaborado pelos autores.

No retorno do dia 03/03/2020, foi observado ao fazer exposição do pênis que não houve aumento mantendo a medida da semana anterior 2,6 x 3,2 cm de diâmetro. Foi iniciado o tratamento de quimioterapia com sulfato de vincristina (Tecnocris), na dose de 0,5-0,7 mg/m² ou 0,025 – 0,05mg/kg, por via intravenosa, uma vez por semana, durante quatro a seis semanas, com acompanhamento hematológico semanal. Foi feito 0,3mL intravenoso no animal, receitou medicação para casa: Legalon: 3 (três) ml, 2 (duas) vezes ao dia, durante 30 (trinta) dias; Ondansetrona: 2 (duas) mg, 2 (duas) vezes ao dia, enquanto durar o tratamento; Complexo B: 1 (um) comprimido, 1 (uma) vez ao dia, enquanto durar o tratamento.

No dia 10/03/2020, o animal retornou à Clínica Veterinária AEMS para observar a evolução com uma semana de

tratamento e para nova sessão de quimioterapia. Ao exame clínico se observou a diminuição do volume peniano e não se constatou efeitos colaterais decorrentes da quimioterapia. ao fazer exposição do pênis observou-se uma diminuição de aproximadamente 2,6x2,3 cm de diâmetro na região (Figura 2A). E fez a segunda sessão de quimioterapia com o sulfato de vincristina e continuou a medicação para casa durante a semana.

No dia 17/03/2020, o animal retornou à Clínica Veterinária AEMS para observar a evolução e mais sessão de quimioterapia. Ao fazer exposição do pênis observou-se uma diminuição de aproximadamente 2,1x1,9 cm de diâmetro na região (Figura 2B). E fez a terceira sessão de quimioterapia com o sulfato de vincristina e feito aplicação de 2 ml Ornitol e 2 ml Bionw e continuou a

medicação para casa durante a semana.

No dia 24/03/2020 o animal retornou a clínica veterinária aems para observar a evolução do tratamento e para mais uma sessão de quimioterapia. Ao exame fazendo exposição do pênis observou-se uma diminuição de aproximadamente 1,4 cm de diâmetro na região peniana (Figura 2C). E fez a quarta sessão de quimioterapia com o sulfato de vincristina e continuou a medicação para casa durante a semana.

No dia 31/03/2020 o animal retornou a Clínica Veterinária AEMS para observar a evolução do tratamento e para nova

sessão de quimioterapia. Ao fazer exposição do pênis observou-se uma diminuição de aproximadamente 1,1 cm de diâmetro na região peniana (Figura 2D). E fez a quinta sessão de quimioterapia com o sulfato de vincristina.

No dia 07/04/2020 o animal retornou a Clínica Veterinária AEMS para observar a evolução do tratamento e para mais uma sessão de quimioterapia. No exame físico geral ao fazer exposição do pênis observou-se uma diminuição do diâmetro na região peniana (Figura 2E). E fez a sexta sessão de quimioterapia com o sulfato de vincristina.

Figura 2. Verificação da evolução do tratamento do TVT por medidas do diâmetro da região interna do pênis. A. Primeiro retorno (10/03/2021) – diâmetro da região interna diminuiu para 2,6x2,3 cm. B. Segundo retorno (17/03/2020) – diâmetro da região interna diminuiu para 2,1x1,9 cm. C. Terceiro retorno (24/03/2020) – diâmetro da região interna diminuiu para 1,4 cm. D. Quarto retorno (31/03/2020) – diâmetro da região interna diminuiu para 1,1 cm. E. Quinto retorno (07/04/2020) – diâmetro da região interna diminuiu para 1,1 cm.



Fonte: Elaborado pelos autores.

No dia 14/04/2020 o animal retornou à Clínica Veterinária AEMS para observar

a evolução do tratamento e para sua última sessão de quimioterapia. Ao exame físico geral fez-se a exposição do pênis observou-se uma diminuição quase total do tumor. O tratamento de eleição foi sulfato de vincristina (Tecnocris), na dose de 0,5-0,7mg/m² ou 0,025-0,05mg/kg, por via intravenosa. O protocolo para aplicação da vincristina foi canulação de uma veia com scalp, diluição de 0,5mL de sulfato de vincristina com água para injeção, aplicação de soro fisiológico intravenoso (antes e depois da aplicação da vincristina). Sendo a última sessão o animal ficou cem por cento curado do tumor venéreo transmissível.

5 CONCLUSÕES

Conclui-se que o TVT acomete cães de qualquer raça e idade, principalmente os cães sexualmente ativos. Como não tem um método preventivo, recomenda-se sempre a castração como forma de proteger o animal de contrair a doença. Apesar de ser uma neoplasia maligna, possui tratamento e cura. O procedimento cirúrgico não é indicado como método único, pois pode haver disseminação de células cancerígenas para outras partes, a radioterapia é eficaz, porém seu alto custo e necessidade de técnico e aparelhagem especializados limitam seu uso, o tratamento mais indicado e utilizado até o momento, é a quimioterapia com o uso de sulfato de vincristina e associados, obtendo bons resultados e ótima eficácia.

REFERÊNCIAS

BABO, V.; BERNARDO, K. C. Tumor Venéreo Transmissível Canino: 159 casos. Revista A Hora Veterinária, v. 19, n. 110, jul./ago. 1999

BOSCOS, C. M.; VERVEDIS, H. N. Canine TVT: clinical findings, diagnosis and treatment. In: World Congress Of The World Small Animal Veterinary

Association, 29., 2004, Rhodes. Greece. Proceedings Rhodes: WSAVA, 2004. Online. Disponível em: <http://www.vin.com/apputil/content/defaultadv1.aspx?meta=Generic&id=11181&id=3852301> Acesso em: 13 abr. 2017.

BRANDÃO, C. V. S. Tumor venéreo transmissível: estudo retrospectivo de 127 casos (1998-2000). Revista de educação continuada do CRMV-SP, v. 5, p. 25-31, 2002.

CHU, R. M. et al. Heat shock proteins in canine transmissible venereal tumor. Vet. Immunol. Immunopathol., Amsterdam, v. 82, n. 1-2, p. 9-21, set. 2001.

CHU, R. M. et al. Proliferation characteristics of canine transmissible venereal tumor. Anticancer research, v. 21, n. 6A, p. 4017-4024, 2001.

DALECK, C. R. et al. Relato de um caso de tumor venéreo transmissível no globo ocular e pênis de um cão. A Hora Veterinária, v. 11, n. 66, p. 49-51, 1992.

DAS, U.; DAS, A. K. Review of canine transmissible venereal sarcoma. Vet. Res. Communic., Dordrecht, v. 24, n. 8, p. 545-546, dez. 2000

GASPAR, L. F. J. Caracterização citomorfológica do tumor venéreo transmissível canino correlacionada com danos citogenéticos, taxa de proliferação e resposta química à quimioterapia. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Medicina de Botucatu, São Paulo, 2005.

MARTÍNEZ, M. M.; BALLUT, J. C.; CARDONA, J. A. Tumor venéreo transmissível (TVT) de localización extragenital. MVZ-Córdoba, v. 7, n. 1, p. 168-170, 2002.

O'KEEFE, D. A. Tumores do sistema genital e das glândulas mamárias. In: ETTINGER, S.J.; FELDMAN, E.C. Tratado

de medicina interna veterinária. São Paulo: Manole LTDA, p. 2344-2351, 1997.

SILVA, M. C. V. et al. Avaliação epidemiológica, diagnóstica e terapêutica do tumor venéreo transmissível (TVT) na população atendida no hospital veterinário

da UFERSA. Acta Veterinária Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-32, 2007.

SOBRAL, R. A.; TINUCCI-COSTA, M.; CAMACHO, A. A. Ocorrência do tumor venéreo transmissível em cães na região de Jaboticabal, Brasil. Ars Veterinária, v. 14, n. 1, p. 1-10, 1998.